

A ORGANIZAÇÃO DOS ESTUDOS EM EAD: A ADMINISTRAÇÃO DO ESPAÇO E DO TEMPO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES¹

Simone de Souza (Universidade Estadual de Maringá – ssouza2@uem.br)

Valdeni Soliani Franco (Universidade Estadual de Maringá – vsfranco@gmail.com)

Maria Luisa Furlan Costa (Universidade Estadual de Maringá – luisafurlancosta@gmail.com)

Grupo Temático 3. 3. O Estudante da EaD em foco

Subgrupo 3.2. Estratégias de estudo pela EaD: construção de espaços e tempos

Resumo:

O presente trabalho se propõe a desvelar, identificar e analisar os pensamentos e sentimentos dos alunos da EaD, com vistas ao que necessitam em relação às experiências de espaço e de tempo virtuais. Para tanto, no decorrer de uma pesquisa de doutorado, vinte e seis estudantes veteranos dos cursos de licenciatura em Física e Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá- PR foram selecionados por meio de um questionário objetivo, e posteriormente convidados a participar voluntariamente de uma entrevista. Dos depoimentos elegeram-se os episódios discursivos que foram compreendidos pela teoria da Análise do Discurso, de linha francesa. Identificou-se que há semelhança entre os alunos quanto a associação do tempo determinado historicamente pela modalidade presencial, ao tempo da modalidade a distância; e diferenças quanto ao tempo subjetivo, indicador do rigor e dedicação aos estudos.

Palavras-chave: Educação a Distância. Discursos de estudantes. Espaço e tempo. Organização dos estudos.

Abstract:

This study aims to uncover, identify and analyze the thoughts and feelings of students in distance education, with the views you need in relation to the experiences of virtual space and time. To this end, during a doctoral research, twenty six undergraduate students of the courses in Physics and Pedagogy of the State University of Maringá-PR students were selected through an objective questionnaire and subsequently invited to voluntarily participate in a interview . Transcripts of depositions were elected discursive episodes that were understood by the theory of discourse analysis, French line. From the discourses that there is similarity between the students and the association of the time determined by the historically classroom mode at the time the distance mode. Just as there are differences among students as to the subjective time, determining the accuracy and dedication to studies.

Keywords: Distance Education. Speeches of students. Space and time. Organization of studies.

1. Considerações Iniciais

As reflexões desenvolvidas neste artigo fazem parte de uma pesquisa de doutorado, desenvolvida no período de 2010-2014, na qual foram ouvidos os discentes dos cursos de

¹ Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da Fundação Araucária

Licenciatura em Física e Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá- PR, modalidade a distância.

Na EaD, especificamente, o estudante é entendido como um ser ativo, gerente do seu tempo e espaço de estudos, independente e autônomo, portanto, o centro das ações. Dessa forma, buscar compreendê-lo ganha importância, ao mesmo tempo em que é um desafio ouvi-lo e entendê-lo em um contexto histórico, social, cultural e educacional centrado em práticas milenares, no qual seu papel era secundário.

Ao compreender o aluno como o principal agente do processo educacional, a EaD é desafiada a promover as condições necessárias de ensino e de aprendizagem para os discentes, em um contexto de expansão do ensino superior público, apoiada pelo Programa Universidade Aberta do Brasil ²(UAB).

Neste cenário, Belloni (2006) alerta para o fato de que as teorias e práticas educacionais possuem pouco entendimento de como este aluno aprende e ainda pontua ser ele uma abstração do indivíduo da educação presencial, apenas distante geograficamente. Em outras palavras, o discente da modalidade a distância é associado ao aluno presencial, situado em outro ambiente, que não a universidade. Essa condição sinaliza para um terreno fértil às pesquisas e para ações pedagógicas inovadoras nas instituições que se propõem a ofertar cursos a distância.

Cientes dos limites de um artigo, apresentamos no decorrer deste texto como os estudantes participantes da pesquisa organizam seus estudos em relação à administração do tempo e do espaço. Para tanto é importante descrever o cenário no qual o estudo foi desenvolvido e, antecipadamente, salientar que as análises não tinham como objetivo promover generalizações.

1.1.A Pesquisa

Este texto se fundamenta nos estudos desenvolvidos na tese intitulada “Educação a Distância na ótica discente: a análise dos discursos de estudantes de licenciatura em Física e Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá” que buscou compreender o que pensam e sentem os estudantes em relação a EaD. O objetivo geral da pesquisa foi compreender os discursos de estudantes em relação às suas experiências pessoais em cursos de graduação, na modalidade a distância, nos âmbitos estrutural, organizacional e pedagógico. E, dentre os objetivos específicos, destacamos o de identificar e analisar o que pensam e sentem os discentes e do que necessitam em relação às experiências de espaço e de tempo virtuais.

De caráter qualitativo, exploratório e descritivo, a pesquisa realizada encontra sua validade em um contexto específico, em que “[...] o pesquisador está interessado na opinião (ação, intenção etc.) de determinados elementos da população, mas não representativos dela” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 52). Desta forma, o discurso dos discentes selecionados não é compreendido como passível de generalizações, mas sim “[...] pressupõe que estas pessoas, por palavras, atos ou atuações, têm propriedade de influenciar a opinião dos demais” (MARCONI; LAKATOS 2006, p. 52).

Os vinte e seis acadêmicos veteranos dos cursos³, concederam entrevistas que foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Das transcrições se selecionou episódios

² A UAB é um programa criado pelo MEC em 2005, com o objetivo de expandir e de interiorizar a Educação Superior por meio da articulação entre as instituições públicas já existentes e os governos estaduais e municipais.

³ Os estudantes foram selecionados por meio de questionário objetivo. Os critérios definidores da escolha dos

discursivos que foram analisados segundo a teoria da Análise do Discurso de linha francesa. Buscou-se compreender os sentidos que emanam dos dizeres dos estudantes, considerando-se sua formação discursiva.

A formação discursiva constitui-se na relação com o interdiscurso e o intradiscurso. O interdiscurso significa os saberes constituídos na memória do dizer; sentidos do que é dizível e circula na sociedade; saberes que existem antes do sujeito; saberes pré-construídos constituídos pela construção coletiva. O intradiscurso é a materialidade (fala), ou seja, a formulação do texto; o fio do discurso; a linearização do discurso (MUTTI; CAREGNATO, 2006, p. 681).

Em outras palavras, os depoimentos dos estudantes trazem marcas do que foi dito por outras pessoas, em condições históricas, sociais, culturais e educacionais mais amplas e que se faz presente em suas falas individuais de tal maneira que podem influenciar em suas expectativas diante do curso escolhido.

Neste contexto emergem as ideias de distância e tempo, influenciadores de como os discentes se organizam para estudar nos cursos de graduação em EaD, e que, por sua vez, encontram suas bases na habilidade de gerenciamento da aprendizagem pelo aluno, condição permitida por essa modalidade educacional.

2. O espaço e o tempo em EaD

Uma das características mais marcantes, e que de certo modo, define a EaD, é o processo de ensino e de aprendizagem estar assentado na separação física entre professor e aluno, por meio da flexibilização do tempo e do espaço e do uso de tecnologias como mediadoras de todo o processo.

Belloni (2006, p.27) analisa uma série de definições de Educação a Distância e pontua serem elas, de modo geral, “[...] descritivas e definem a EaD pelo que ela não é, ou seja, a partir da perspectiva do ensino convencional da sala de aula”.

Aliado ao viés definidor desta modalidade, Kenski (2003, p.30) acrescenta às reflexões o fato de que:

Na atualidade o que se desloca é a informação, e desloca-se em dois sentidos: o primeiro, o da espacialidade física, em tempo real, sendo possível acessá-la por meio das tecnologias midiáticas de última geração. O segundo, por sua alteração constante, pelas transformações permanentes, por sua temporalidade intensiva e fugaz.

Neste cenário, há de se considerar que a incorporação das tecnologias em nosso dia a dia e, conseqüentemente, na educação, modifica a forma como compreendemos o mundo e

participantes da pesquisa foram a realização de vestibular para ingresso no curso e a não experiência anterior em cursos de graduação em EaD. A partir dessas informações, foram selecionados treze estudantes de cada curso, os quais foram convidados a participar voluntariamente de uma entrevista semiestruturada. No período da coleta de dados, ano de 2012, havia apenas treze alunos cursando os anos finais de Física e, com isto, delimitamos o mesmo número de estudantes de Pedagogia.

como representamos o tempo e o espaço a nossa volta. Para Saraiva (2010, p. 11), há uma “sensação de que o espaço e o tempo estão encolhendo”.

Tais alterações convivem com a memória do “ir à escola”, construída há décadas e que é descrita por Kenski (2003) como um espaço e tempo determinados, no qual havia um deslocamento até a instituição designada para ensinar e aprender. Ou seja, o tempo da escola era considerado o tempo diário dedicado à aprendizagem sistematizada em um local preparado para esse fim.

O movimento de construção de uma nova forma de perceber, administrar e agir, referenciados pelos sentidos de espaço e de tempo em EaD, desafia as bases constitutivas deste processo que por séculos se estruturou sobre um local fixo (a escola, a universidade) e o tempo linear (organização dos cursos em anos, currículos e cronogramas).

A maior preocupação atual é a possibilidade de a aprendizagem ocorrer em ambientes diferenciados – em casa, no trabalho, nas prisões, em navios etc – e em tempos subjetivos, administrados pelos estudantes. Para Saraiva (2010, p.73), “[...] a EaD joga o aluno numa outra espacialidade, como que conduzindo a outro mundo que nenhuma sala de aula presencial poderia oferecer”.

De acordo com Belloni (2006, p.55), para o aluno “pode ser mais fácil ‘lidar’ com a separação no espaço do que com a dimensão imaterial do tempo”. Ou seja, os sistemas de ensino são flexíveis quanto aos espaços, mas rigorosos quanto aos prazos (de inscrição, de avaliações, para conclusão de cursos, dentre outros), “[...] o que é ainda revelador de um enfoque de controle concebido a partir da sala de aula tradicional” (BELLONI, 2006,p.55).

Saraiva (2010) analisa o tempo linear da escola associado a um currículo que impõe um ritmo coletivo e que pretende garantir uma educação eficiente. Este princípio, segundo a autora, se encontra na obra *Didática Magna* de Comenius, escrita no século XVII, do qual a EaD provoca alterações. Em suas palavras:

A EaD individualiza o espaço-tempo, rompendo com a ordem da escola disciplinar, na qual os alunos devem estar todos na mesma sala, realizando simultaneamente a mesma tarefa. Ocorre uma inversão da lógica comeniana sobre as rotinas coletivas. O uso individualizado do tempo e do espaço está sendo apresentado como uma vantagem, por permitir atender as necessidades e desejos de cada estudante (SARAIVA, 2010, p.96).

4

A aparente vantagem da administração do tempo pelo aluno requer problematizar a relação entre a adequação do seu tempo disponível para os estudos e, o seu ritmo de aprendizagem às metodologias dos cursos. Fatores diferenciados, mas que podem ser equivocadamente confundidos.

No primeiro caso, trata-se do uso do tempo de um aluno adulto que em sua maioria, trabalha, possui obrigações sociais, família e que a dedicação aos estudos exige dele um esforço “[...] que precisa se originar do tempo e da energia que restam depois de satisfazer as exigências normais da vida adulta” (MOORE; KEARSLEY, 2011, p. 174).

No segundo caso, o ritmo de aprendizagem é influenciado por questões individuais, cognitivas e psicológicas. É necessário considerar que a maioria dos alunos tem pouca experiência com a aprendizagem a distância, com sua metodologia e o uso das tecnologias da informação e comunicação para fins educacionais, tornando-se fundamental que a instituição promova orientações quanto às “[...] estratégias de aprendizagem, organização, gerenciamento de tempo e aptidões para o estudo” (MOORE; KEARSLEY, 2011, p.190).

Há de se considerar também, como afirma Santos M. (2002), que apesar de o tempo poder ser dividido em cósmico, histórico e existencial, os quais enfatizam a natureza e o cálculo; a história e a subjetividade respectivamente, todos se comunicam entre si por meio do tempo social convergindo na experiência humana e divergindo na análise. Portanto, há interferências sociais e culturais na concepção de tempo (RIBEIRO, 2002).

Desta forma se perguntarmos então “o que é o tempo e o espaço?”, provavelmente não encontraríamos uma resposta precisa, mas sim poderíamos concordar com a explicação de Santos K (2002, p.23):

O que pensamos de espaço jamais poderá ser compreendido sem que se reflita sobre o próprio movimento que cria, recria, nega e, pela superação, redefine a espacialidade dos próprios homens. Espaço e tempo, considerados aqui como as categorias básicas da ciência moderna, são, na verdade, redimensionados na medida em que as sociedades se redimensionam.

Em outras palavras, sentir e organizar-se com base no tempo e no espaço requer considerar as subjetividades e o movimento histórico que os definem. E ainda, pensá-los no interior da Educação a Distância significa operar sobre bases dantes consideradas impossíveis, mas que atualmente tornam-se realidade com o apoio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), por exemplo.

É neste contexto que o olhar se volta para o discente e suas peculiaridades, sendo oportuno problematizar as publicações a respeito da EaD que fazem referência ao aluno como ativo, autônomo e gestor de seu tempo e espaço de estudos, caracterizando-o em uma perspectiva teórica generalista, ou seja, há um perfil idealizado de estudante para se adequar a modalidade a distância. Este requisito será refletido a seguir.

5

3. O “perfil teórico” dos alunos

Partindo do pressuposto que as mudanças sociais, econômicas, culturais e educacionais promovidas pelas tecnologias ao longo da história da humanidade e, especialmente, dos impactos que o desenvolvimento das TIC causaram na reconfiguração do processo de ensino e de aprendizagem em EaD, pode-se afirmar que os papéis dos atores envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem foram revistos e, em certos casos, transformados.

No caso do aluno, a literatura que versa a respeito da modalidade a distância, em sua grande maioria, o posiciona como o protagonista do processo educacional. Contudo essa posição central ainda está mais presente nos discursos do que nas práticas pedagógicas; indícios disso é o pouco conhecimento que as teorias e as práticas educacionais têm do aluno adulto (BELLONI, 2006).

Seja ele denominado de “aluno universal” (MAIA; MATTAR, 2007), de “aluno aprendiz” (TAROUÇO; MORO; ESTABEL, 2003), de “aprendiz virtual” (MAIA; MATTAR, 2007), de “novo aprendiz” (GUIMARÃES, 2012) ou de outras formas, o principal fato é que o estudante passa a fazer parte de uma comunidade educacional diferenciada e que a opção pela modalidade a distância com aporte tecnológico virtual requer dele alguns pré-

requisitos, tais como : habilidades com novas ferramentas para aprendizagem, adequação ao modelo de curso escolhido, motivação pessoal, organização pessoal, autonomia de estudos, dentre outros.

De acordo com Guimarães (2012) este “novo aprendente” aumentou a quantidade de matrículas na Educação Superior, beneficiada pela elevação do poder aquisitivo de uma grande parcela da população, dantes empobrecida e que, por meio de fatores econômicos e políticos, passa a sair de uma situação desfavorável para outra, com o apoio da educação. Assim, “[...] há marcadamente um novo perfil socioeconômico dos estudantes brasileiros, que aprendem de maneira diferente e desafiam o elitismo que sempre marcou a educação superior” (GUIMARÃES, 2012, p. 126).

O autor relaciona várias características que compõem o perfil desse novo aluno, dentre as quais se destacam:

- a matrícula tardia na Educação Superior;
- a dedicação parcial ou integral ao trabalho, impedindo que o aluno se dedique exclusivamente aos estudos, concentrando-os no período noturno;
- a independência financeira ou a participação expressiva na renda familiar da grande maioria dos estudantes;
- o compromisso com esposos/esposas, filhos/filhas e parentes;
- os conhecimentos desenvolvidos durante a educação básica são diferenciados daqueles dos universitários tradicionais;
- o perfil de jovens adultos, adultos ou mais velhos;
- os objetivos claros desses estudantes, que possuem melhores salários ou mudança de profissão (GUIMARÃES, 2012).

Peters (2006), Dias (2010), Moore e Kearsley (2011) também descreveram os estudantes da EaD como adultos, geralmente com a idade entre 25 e 50 anos, trabalhadores, que buscam uma aprendizagem mais orientada para a prática, possuem ricas experiências de vida e de trabalho, apreciam ter o controle sobre seus atos e entendem a EaD como uma rica possibilidade de estudos, não oportunizada a eles quando mais jovens.

Moore e Kearsley (2011) acrescentaram a essas características os fatores subjetivos, por exemplo, a ansiedade que atinge um grande número de estudantes especialmente no início do curso em função principalmente da inexperiência com a modalidade a distância e do receio em não atender às expectativas pessoais e as do curso.

Há de se considerar também outros perfis quando se trata do estudante usuário de tecnologias. Silva (2012) sintetizou os comportamentos dos nativos e dos imigrantes digitais. Os primeiros, nascidos após 1980, possuem o conhecimento tecnológico, dão credibilidade à rede, fazem várias coisas ao mesmo tempo, entendem o conhecimento como público, se ajudam mutuamente por meio das redes sociais e continuam se encontrando na rede, preferem aparelhos com múltiplas funcionalidades e desconfiam das autoridades. Os imigrantes digitais, nascidos até 1980, estão aprendendo a lidar com a tecnologia, dão credibilidade ao que está impresso, são lineares e sequenciais realizando uma coisa de cada vez, o mundo do conhecimento é entendido por eles como particular, não possuem tanta liberdade nos acessos e preferem se conhecer pessoalmente para depois acessar na rede, acreditam nas autoridades e preferem aparelhos tecnológicos com apenas uma funcionalidade.

Os comportamentos diferenciados entre os nativos e os imigrantes digitais confirmam o impacto causado pelas TIC na cognição humana, alterando substancialmente a

forma como eles aprendem. Um paradoxo se apresenta quando um nativo digital não consegue romper com o papel passivo do aluno tradicional.

Os estudantes que usufruem das relações que as tecnologias proporcionam aprendem a navegar rapidamente, trabalham em grupo e não encontram dificuldades em produzir materiais audiovisuais. “Por outro lado, o aluno tem dificuldade em mudar aquele papel passivo de executor de tarefas, de desenvolvedor de informações” (TAROUCO; MORO; ESTABEL, 2003, p. 37). Essa condição afetará substancialmente a prerrogativa de que o estudante de EaD deva ser autônomo.

Neste contexto Maia e Mattar (2006) traçaram o perfil de um aluno virtual de sucesso e das condições ideais para o seu desenvolvimento. Em suas palavras:

O aluno virtual precisa ter acesso a um computador e a um modem ou conexão de alta velocidade e saber usá-los; ter a mente aberta e compartilhar detalhes sobre sua vida, seu trabalho e outras experiências educacionais; não pode se sentir prejudicado pela ausência de sinais auditivos ou visuais no processo de comunicação; deve desejar dedicar uma quantidade significativa de seu tempo semanal a seus estudos e não ver o curso como ‘a maneira mais leve e fácil’ de obter créditos ou um diploma; os alunos virtuais são, ou podem passar a ser, pessoas que pensam criticamente; a capacidade de refletir é outra qualidade fundamental para o aluno virtual de sucesso (MAIA; MATTAR, 2006, p.85).

Sabe-se que as condições sociais, econômicas, culturais e educacionais brasileiras impedem ou pouco oferecem para que o “aluno virtual de sucesso” seja uma realidade. Contudo, a ideia de que esse estudante é ainda embrionário e de que refletir acerca do caminho de possibilidades e de limitações que a utilização das tecnologias na educação apontam, permite considerar esse perfil ideal como prerrogativas às discussões sobre a temática, com o cuidado de não ser uma receita a seguir ou um mecanismo de exclusão de alunos de EaD.

Neste viés precursor de construções, entendemos ser essencial ouvir os estudantes que, mergulhados neste universo, contribuem para que as ações pedagógicas, estruturais e de gestão sejam constantemente revistas à luz de seus principais atores. A seguir, os dizeres de parte deste público.

4. Os discursos dos estudantes

Os acadêmicos dos cursos de Física e de Pedagogia, participantes da pesquisa de doutorado, base para estas reflexões, responderam às questões: como você organiza seus estudos?; no decorrer do curso quais necessidades você teve?; conte quais eram suas expectativas para o curso e quais são as atuais.

De suas respostas foram realizados recortes que permitiram identificar os aspectos influenciadores dos fatores tempo e espaço no processo de estudos pelos discentes.

Observa-se que os discursos dos estudantes trazem, praticamente de forma explícita, o movimento de reconfiguração de espaço e tempo para a aprendizagem. Há o sentido social construído historicamente (o interdiscurso) que emana e se mistura ao sentido pessoal (intradiscurso).

Nos depoimentos identificam-se as profundas marcas da escolarização presencial em que o tempo cronológico é a referência principal para a organização dos horários de estudo e influenciam as expectativas diante do curso escolhido. Nas palavras dos alunos:

“Eu organizo dentro do horário da minha vida né, como eu trabalho fora em outra cidade, tem que ficar viajando, tenho filha pequena, quando ela está a tarde na escola eu aproveito o horário da tarde e a noite quando ela dorme. Onde tem intervalo, eu aproveito pra estudar. Porque nesse curso tem que estudar numa faixa de 4 horas por dia, a média que você tem que estudar, 4, 3 horas pra manter o conhecimento e não ficar atrasada, pra conseguir fazer as avaliações”. (aluno de Física)

“Como no meu horário de trabalho não há a possibilidade de eu tá abrindo a plataforma e estudando, eu procuro estudar de manhã, acordo as seis, as vezes até mais cedo, é um horário que tá em silêncio em casa e eu consigo estar acessando e até a internet é bem mais rápida neste horário, então eu consigo tá desenvolvendo as atividades, os trabalhos, de tá colocando tudo em ordem nesse horário. Uma hora, as vezes até duas horas pela manhã eu consigo e, vou confessar, eu não estudo todos os dias; duas, três vezes por semana eu estou acessando. Acessando eu acesso até mais, mas sentar pra estudar é em torno de três vezes por semana”. (aluno de Pedagogia)

“Olha, a minha expectativa era que fosse igual ao presencial, por exemplo, aula gravada todos os dias, é, por exemplo, tem lá Física Moderna a carga horária de 68 horas, então o professor vai cumprir essa carga horária gravando aulas e tal e vai disponibilizar na web, e na verdade não foi assim”. (aluno de Física)

Observa-se que nos dois primeiros depoimentos a organização dos estudos ajusta-se às rotinas individuais, postura esperada na EaD. O que merece um olhar mais aprofundado é a dinâmica de construção do movimento de estudo de cada acadêmico.

Para o primeiro, o curso de Física exige quatro horas diárias de estudo, ou seja, pressupõe que o estudante vai transferir para outro espaço físico a quantidade de horas que dedicaria diariamente para assistir às aulas na modalidade presencial, e, caso isso não ocorra, há o risco de atraso e de não conseguir fazer as avaliações.

Percebe-se que também o outro aluno do curso de Física, ou seja, o terceiro discurso tem no fundo um pensamento semelhante, já que para ele a carga horária do professor presencial será automaticamente cumprida em vídeoaulas, e que ele terá que no mínimo assisti-las em tempo real, portanto, provavelmente três ou quatro horas por dia.

Para o segundo discurso, do aluno de pedagogia, infere-se que acessar o Ambiente Virtual de Aprendizagem, é apenas uma rotina necessária para acompanhamento do curso, e

as horas de dedicação para o estudo, são computadas separadamente, e isso significa três dias na semana e de uma a duas horas.

Portanto, reconhece-se aqui, discursos distintos entre os alunos dos cursos de Física e de Pedagogia, pois enquanto os alunos de Física confirmam a necessidade do rigor de estudo, o discurso do aluno de pedagogia não é tão convicto dessa necessidade, já que em vários momentos utiliza a expressão “às vezes”.

Compreender a indefinição do tempo e do espaço em EaD é um complicador no que tange à sua organização curricular, especialmente. Os discursos a seguir expressam como “tempo muito curto”, “sobrou mais tempo” e “exige assim um tempo maior que a gente tem pra isso”, a necessidade de serem revistos os cronogramas dos cursos.

“Então, eu acho que o tempo é muito curto, são muitos trabalhos no caso não é só prova, tem muitos trabalhos né, num espaço de tempo muito curto. [...] Assim, o intervalo entre um trabalho e outro pra postar. Porque tem aquela coisa se você perde o dia da postagem não dá mais né, tem que cumprir tem que ser certinho. Às vezes dá problema no site e a gente não consegue enviar, é muito difícil, mas acontece” (aluno de Física).

“[...] principalmente nesse curso de Física. Se eu não tivesse outra graduação eu não teria continuado. Como eu eliminei algumas disciplinas, sobrou mais tempo pra se dedicar pras outras e mesmo assim é, estou trazendo algumas, me arrastando com algumas dependências” (aluno de Física).

“Só que eu acho muito difícil, eu acho assim que exige muita dedicação, exige assim um tempo maior que a gente tem pra isso porque eu não sou casada, não tenho filho, não tenho marido, eu chego em casa minha comidinha tá pronta, tá limpa, mas eu trabalho oito horas, então assim, é pouco o tempo que a gente tem. As coisas do nosso serviço que a gente acaba levando pra casa. Aí é tudo no final de semana que tem que estudar” (aluno de Pedagogia).

Em outros depoimentos também é identificada a organização dos estudos a distância baseada na diversidade de espaços, ou seja, é possível estudar no trabalho, em casa e no local preparado pela instituição para dar suporte a quem precisar. Nos discursos dos estudantes:

“Eu organizo durante o trabalho mesmo, no período da manhã que eu estou lá no administrativo é mais tranquilo. Em casa muito pouco por que eu tenho filho pequeno e nos tempos, nas horas atividade do outro serviço” (aluno de Física).

“Teve um dia que eu fiquei três horas seguidas estudando, quando chega perto das três horas a cabeça não tá funcionando mais, você não consegue assimilar mais, certo? Mas aí eu estou em casa e o que é que eu faço? Vou lá, deito na cama, durmo um pouco, tento dormir tal, dou aquela relaxada e volto a estudar” (aluno de Física).

“A questão de um espaço pra estudar, é isso? Foi uma necessidade algumas vezes e foram atendidas. Tive o espaço para estudar, o computador para usar, porque antes eu não tinha um computador” (aluno de Pedagogia).

Nesses discursos destacam-se as bases sociais e econômicas que circulam durante todo o processo de ensino e de aprendizagem. A possibilidade de aliar as atividades do trabalho e de estudo em um mesmo período para um aluno, contrasta com a aparente disponibilidade de o outro estudar em casa. Ao passo que, outro estudante precisou se deslocar em função de não possuir computador em sua residência.

Essas diferenciações, pautadas em condições individuais dos estudantes e que por sua vez sofrem influências do contexto social, econômico e cultural em que vivem, permitem desvelar mais de um sentido dos discursos selecionados para as análises, a saber: a) o fator tempo é determinante para o processo educacional em EaD, mais do que a variação do espaço para os estudos. A indefinição do tempo, possibilitada pelas tecnologias, confrontam-se com a determinação do tempo do curso, fechado em cronogramas. b) a cultura educacional presencial é parâmetro para a organização pessoal dos estudantes, sendo suplantada quando o contexto social e econômico fala mais forte; ou seja, as condições de trabalho e de estrutura familiar interferem na ordenação dos estudos.

5. Considerações Finais

Vivemos em um momento de redefinição do espaço. A percepção da presença física no mesmo espaço geográfico como necessária ao ensino e a aprendizagem encontra-se, no momento, em uma fase de desconstrução. Existe agora, por exemplo, a possibilidade de aliar o trabalho e o estudo em um mesmo ambiente físico, não só por meio de materiais escritos, mas também em ambientes virtuais de aprendizagem.

Também vivemos em um momento de redefinição do tempo. O inevitável convívio com as TIC altera nosso ritmo de vida e influencia na maneira como percebemos e administramos nosso tempo dedicado aos estudos. Por exemplo, há desencontros entre o tempo rígido, inflexível e predeterminado da organização curricular dos cursos e o tempo subjetivo dos alunos, inseridos em um mundo no qual as informações são revistas, atualizadas e transformadas em um ritmo sem fim e em que, na maioria das vezes, basta um *click* para ter acesso a elas.

Mas a questão histórica do tempo é evidente, quando a maioria dos alunos pesquisados se refere ao tempo de estudo por meio de uma igualdade com o tempo do ensino presencial, indica claramente a interferência social e cultural na concepção dos seus tempos.

Especificamente para esta pesquisa identificamos que há semelhanças entre alunos de Licenciatura em Física e alunos de Pedagogia, quando organizam o tempo de estudo de acordo com suas rotinas individuais, ou seja, com o tempo cósmico. Entretanto, existe uma diferença de perfil entre esses estudantes quando os discursos dos alunos de Física confirmam a necessidade do rigor de estudo, enquanto os alunos de Pedagogia não são tão convictos disso, mostrando assim o tempo como uma questão existencial, ou seja, com certa subjetividade.

Sendo assim, é inegável a amplitude do tema em debate ao mesmo tempo em que sua importância ganha outro *status* no contexto da EaD. Que outras pesquisas e reflexões se multipliquem e nos auxiliem a construir estratégias de ensino e de aprendizagem cada vez mais próximas das expectativas dos estudantes.

6. Referências

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

DIAS, R. A. **Educação a Distância**: da legislação ao pedagógico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GUIMARÃES, L. S. R. O aluno e a sala de aula virtual. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Educacion do Brasil, 2012. v. 2, p. 126-133.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MAIA, C.; MATTAR, J. **ABC da EaD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. Tradução de Roberto Galman. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MUTTI, R.; CAREGNATO, R. C. A. Pesquisa Qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 22 dez. 2012.

PETERS, O. **Didática do ensino a distância**: experiências e estágio da discussão numa visão internacional. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

Ribeiro, R. I. (2002). Finitude, mutações e gozo. **Revista Ciência e Cultura**, Ano 54(2), p. 24-26.

SARAIVA, K. **Educação a Distância**: outros tempos, outros espaços. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

SANTOS, D. **A reinvenção do Espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SANTOS, M. O tempo nas cidades. **Revista Ciência e Cultura**, 2002, Ano 54(2), p. 21- 22.

SILVA, K. K. S. **Mapeamento de competências**: um foco no aluno da Educação a Distância. 2012. 185 f. Dissertação (Mestrado Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TAROUCO, L. M. R.; MORO, E. L. da S.; ESTABEL, L. B. O professor e os alunos como protagonistas na educação aberta e a distância mediada por computador. **Educar em Revista**, Curitiba: Ed. UFPR, n. 21, p. 29-44, 2003.